

## **3º Domingo depois da Epifania**

### **1ª leitura (Antigo Testamento) - Jeremias 3:21-4:2**

A atuação do profeta Jeremias se dá numa época conturbada por governos autoritários. Antes dele havia reinado o sanguinário e idólatra Manasses (2 Rs 21:16) e depois chega ao trono Josias que, segundo parece, faz uma reforma total, eliminando todos os cultos fora de Jerusalém, tanto os dedicados ao SENHOR quanto a outras divindades (2 Rs 23:5). No entanto mesmo que "bem intencionada" esta reforma não deixava de ser superficial e autoritária. Uma das famílias proibidas de cultuar ao SENHOR no seu santuário local foi a família de Jeremias cujo pai era sacerdote em Anatot (Jr 1:1). E qual foi o resultado desta reforma tão celebrada pelo governante e seus sacerdotes aliados? No interior estavam crescendo os cultos que faziam o povo esquecer do SENHOR! (3:21). Esquecer do SENHOR é perder a consciência da vontade divina para o povo e essa vontade é: "cura" (3:22) e também é "verdade, juízo e justiça" (4:2).

A atuação de Jeremias é tida como crítica à reforma do rei Josias, e nos mostra que nem sempre as boas intenções são suficientes. Quando se quer fazer algo que é bom de forma autoritária, centralizadora, sem participação do povo, sem permitir a crítica fraterna, os resultados muitas vezes são exatamente o contrário do que se esperava.

O rei Josias fez uma reforma que serviu muito bem para receber o elogio dos historiadores: "*Fez ele o que era reto perante o SENHOR, andou em todo o caminho de Davi, seu pai, e não se desviou nem para direita nem para a esquerda*". Mas sua ação autoritária não gerou consciência popular e comunitária, ou como pode se dizer hoje não fez crescer a cidadania popular. Pouco depois da sua morte até Jerusalém havia voltado aos cultos pagãos (4:4).

A atitude de Jesus foi muito diferente. Logo no início do seu ministério público, Jesus vai chamar outras pessoas para dividir seu poder, para ajudar na conscientização do povo, para ser multiplicadoras do Evangelho (Mc 1:16-20). Não poderia Jesus ter feito tudo sozinho? Será que ele não tinha poder suficiente? No entanto a estratégia de Jesus, e da ação do Espírito Santo na Igreja, sempre foi descentralizadora e participativa não deixando ninguém fora (1 Cor 7:17-23) (HMG)

### **2ª leitura (Epístola) – 1 Coríntios 7.17-23**

Qual é a relação entre a nova criação em Cristo e a condição em que a humanidade se encontra? Os circuncidados (marcados judeus) vão tirar seus sinais? Não é preciso negar os sinais, as circunstâncias em que foi chamado a pertencer a Cristo. Também, quem era incircunciso não tem necessidade de passar por circuncisão. Essa questão perturbava a Igreja do tempo do Novo Testamento. Houve, também, mestres que ensinavam a necessidade da circuncisão para ser cristão completo. Circunciso ou incircunciso é o primeiro dos três pares de classificação humana (ver Gl 3.27ss.). Hoje há outras classificações discriminatórias.

O importante é que, em Cristo, essa "classificação" foi libertada (as pessoas foram libertadas) das garras do absoluto. Então, não há necessidade de apagar os sinais da circuncisão ou ocultar as circunstâncias em que a pessoa veio a ser batizada em Cristo. Consta que alguns judeus desejavam se livrar dos sinais para poder ser atletas e não mostrar as cicatrizes em público. Em nosso tempo, há outras categorizações discriminatórias. Elas devem ser feitas relativas, livres da discriminação. Quem tem origem humilde não tem que se envergonhar. Quem tem origem privilegiada não tem do que se orgulhar. Os preconceitos e a inimizade foram derrubados na Cruz de Cristo. O que importa, para Paulo, é a prática do amor a que se refere a lei. Essa prática equivale a ser uma nova criatura. Semelhante expressão se encontra em Gálatas 6.15 (nova criatura) e 5.5 (a fé que se opera por meio do amor.). O amor redundava no respeito ao outrem. Então, há oportunidade para a missão de "defender a justiça e paz para todos, respeitando a dignidade de todo ser humano". É nisso que expressamos a nossa pertença a Cristo.

E o escravo? Vai deixar de ser escravo? Permanecer onde está? É o segundo dos três parece acima indicados. Há certo realismo associado com o senso de transformação na consideração deste par por parte de Paulo. É claro que há mais de uma leitura. O que está em consideração é a viabilidade da abolição da escravatura legalizada, de um lado, e, de outro, atenção para a possibilidade, isto é, não deixar escapar a oportunidade. No vs.21b vemos essa consideração "...se podes te tornar livre, aproveita a oportunidade". Isso parece abrir uma janela no que é enunciado nos versos 17, 20 e 24 - "na condição em que foi chamado" - uma exceção que abre a visão da possibilidade do novo.

A visão da nova criação é uma crítica dirigida à instituição injusta e inadequada. Porém não há aqui o chamado para abolição da instituição. Isso era inviável. O que era viável era abrir os olhos dos membros da Igreja e do que se aproximavam da mesma e construir onde possível um novo relacionamento. É um modo criativo de enfrentar e resolver controvérsias na Igreja. (ST)

## **Santo Evangelho – Marcos 1, 14-20**

As leituras nos chamam a mudar a direção de nossos caminhos. O Primeiro Testamento nos ordena romper com a rebeldia e não mais se deixar guiar por ilusões. A epístola radicaliza as exigências: viver de maneira nova, em obediência aos mandamentos de Deus; embora nem tudo possa ser mudado imediatamente, a redenção em Cristo já operou em nós libertação radical, que tem de manifestar-se no concreto da vida: já não somos mais escravos de ninguém.

Foi esse novo tempo que Jesus anunciou ao inaugurar Seu ministério: a Boa-Nova de Deus, a felicidade, é uma possibilidade real, mas é preciso abrir-se para acolhê-la como quando se ganha um reino. "É preciso mudar de direção, pela transformação radical de pensamentos e sentimentos, e firmar-se no Evangelho como novo alicerce da própria vida" (Mc 1, 14-15). Daí por diante, só Deus é Rei e relativizam-se todos os poderes, como ilusões e mentiras (ídolos).

Imediatamente o texto nos descreve a primeira resposta ao apelo. É claro que não temos a história completa do que terá acontecido entre Jesus e seus discípulos nesse primeiro encontro. É evidente o esquematismo da narração. A intenção é ressaltar os traços essenciais da adesão ao Reino.

Toda a iniciativa é de Jesus. É Ele quem se aproxima, vê e chama, como Deus sempre faz. Ao escutarem o chamado, os discípulos deixam tudo e O seguem. É o mesmo o esquema no caso das duas duplas de irmãos.

Alguns detalhes merecem atenção. São quatro. Quem sabe, alusão à universalidade: o chamado se dirige aos quatro cantos do mundo, à universalidade dos povos (Mt 28, 19). Acham-se voltados para o mar: barcas, redes, empregados... Na Bíblia, o mar é símbolo do caos, da desorganização, das monstruosas forças inimigas de Deus: é o oposto à ordem da criação (Gn 1,2); nele habitam potências estranhas e ameaçadoras (Sl 74, 13-14; Is 27, 1); o mar lembra o Egito, a servidão sob o poder do Faraó (Ex 14); nos escritos apocalípticos, é símbolo dos impérios opressores (Dn 7; Ap 13; Sl 124); só Deus pode dominar o furor das águas, como na criação (Sl 89, 10-11; 107, 23-30); é com o poder de Deus que Jesus pode dominar até o mar (Mc 4, 41). Pela profissão (Mc 2, 13-14) e pelas relações familiares, os discípulos se vinculam ao mar, imersos no sistema de vida do qual têm de ser arrancados. Todas as pessoas são como peixes a serem pescados. O mundo, a sociedade é um imenso mar do qual é preciso emergir. É isto o "subir das águas" no batismo.

Aderir à proposta de Jesus exige rupturas muito concretas e radicais. Não é simplesmente como aceitar novas crenças. Trata-se, sobretudo, de romper com o sistema de vida no qual se está imerso "naturalmente": relações, costumes, estruturas, mentalidade, ideologia. E não é só deixar algumas coisas, como família ou profissão, mas redefinir tudo na vida em função do Reino de Deus. A família e o trabalho são tomados com símbolos da totalidade da vida, pois são os dois vínculos mais elementares: o vínculo de sangue pelo qual entramos no mundo; o vínculo de trabalho pelo qual nos inserimos plenamente na sociedade. Ou seja, resumem nossa vinculação com todo o sistema de vida: economia, relações sociais, relações políticas, cultura. O chamado é para romper com o passado e as relações antigas, representadas aqui pelo pai e os empregados. É preciso deixar a antiga casa, toda voltada para o mar, dominada pelo sistema, para constituir a casa com Jesus, na qual se viverá nova fraternidade (irmãos) e se receberá nova tarefa ("pescadores de pessoas"). Já se insinua claramente a proposta de Jesus: comunidade e missão. (SAGS)